

Governar exige “pitada de candomblé”, diz FH



A amiga Malak Poppovic leva flores, em homenagem ao Dia dos Pais: “O Brasil é um processo complexo”

Receita foi dada por presidente em jantar com 32 empresários, quando não se falou de juros

SONIA RACY

Sem ouvir queixas sobre a política cambial ou sobre a alta taxa de juros, o presidente Fernando Henrique Cardoso saiu do jantar com 32 empresários, na madrugada de ontem, bem-humorado. Se foi cobrado, de maneira diplomática, sobre o atraso da reforma tributária e sobre os impostos em cascata — incidência de um tributo sobre o outro — o presidente encontrou clima ameno para até dar a receita de como superar as dificuldades para administrar o País, com culturas e hábitos tão diferentes: “É preciso uma pitada de candomblé para poder governar e entender esse imenso Brasil...”

Para os empresários, a referência ao candomblé os fez recordar-se da influência dos baianos presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e do líder do governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), sobre o governo. Mas o charme de Fernando Henrique deixou-os encantados.

Assim, nada aconteceu do que alguns temiam no jantar que começou no fim da noite de sábado, oferecido pelo empresário Paulo Cunha, em sua casa, para sacramentar a troca de comando no Instituto de Estudos de De-

envolvimento Industrial (Iedi), a partir de agora sob o direção de Eugênio Staub.

Os empresários — entre eles, Cláudio Bardella, Paulo Francini, Paulo Setúbal, Pedro Eberhart, Roberto Vidigal, Bruno Caloi, Jorge Gerdau, Pedro Piva, Andrea Matarazzo e Max Feffer — ouviram Fernando Henrique, no discurso, dizer que os anos lhe ensinaram de tudo um pouco, menos sobre juros e câmbio.

Assim, o presidente evitou a pergunta que o empresário Hugo Miguel Etchenique havia preparado, justamente sobre juros e câmbio. E poupou a orelha do novo presidente do Banco Central, Gustavo Franco, visto como responsável pela atual política cambial, considerada inadequada pelos exportadores. Mesmo assim, Cláudio Bardella fez algumas reclamações particulares ao presidente em torno do assunto.

De fora — O governador Mário Covas avisava, a cada meia hora, que estava chegando. Não foi. Sentiu-se falta, também, de um dos fundadores do Iedi, José Ermírio de Moraes. À exceção do ministro Sérgio Mota, que acabara de receber alta no Hospital Albert Einstein e fora para casa, para convalescer da cirurgia do apêndice, compareceram os ministros Clóvis Carvalho, Paulo Renato Souza, Antônio Kandir e Bresser Pereira.

O clima foi de descontração. A informalidade levou o presidente a revelar, por exemplo, que vai escrever um livro assim que sair do governo. Não sobre seus quatro ou oito anos à frente do Brasil, mas sim de ordem antropológica e sociológica, com base nas experiências que está vivendo, que vão desde a reorganização do futebol, passando pela economia, e “o processo complexo que é o Brasil, no qual a racionalidade no Nordeste é uma, no Sul, outra, abraçando as diferentes culturas e correntes políticas”.

Defesa — Algum tempo antes, ao chegar para o jantar, o ministro da Educação, Paulo Renato, sabedor das queixas dos empresários sobre o atraso da reforma tributária, fez a defesa do governo: “Já avançamos em várias questões que tem a ver com a reforma, é claro que se pode avançar mais, mas isso não tem impedido o Brasil de crescer.” Por seu lado, o colega do Planejamento, Antônio Kandir, foi mais longe. “Antes é preciso ter as reformas administrativa e da Previdência aprovadas pelo Congresso.”

Ontem, Dia dos Pais, o presidente saiu de casa para almoçar e passar a tarde na casa da filha, Beatriz, casada com o secretário estadual de Energia, David Zylbersatajn. Lá, posou na janela com o neto Pedro. Antes, ao sair de seu apartamento, recebeu um buquê de flores da amiga Malak Poppovic. À noite, voltou para Brasília.